

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: ENCONTROS E DESENCONTROS

Clara e Silva Campos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (cla8rinha@gmail.com)

Andréa Pessoa dos Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (a.pessoas70@gmail.com)

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo apresentar parte da revisão de literatura desenvolvida na pesquisa apresentada no curso de Pedagogia da UERJ/FEBF, intitulada: “Alfabetização e letramento: encontros e desencontros”. Visando refletir sobre questões polêmicas e inquietações sobre as concepções de alfabetização e letramento que, no atual panorama do discurso acadêmico brasileiro, vêm enfrentando uma disputa acirrada, subsidiada por contraposições de sentidos, propusemos as seguintes questões para a pesquisa: quais são as diferentes concepções de alfabetização e letramento que circulam no atual discurso acadêmico brasileiro? “Alfabetizar letrando” ou “letrar alfabetizando”? Existe diferença? De que modo esses conceitos se relacionam? E por fim, como as concepções de alfabetização e letramento vêm sendo entendidas por professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental? Para tanto, adotamos pressupostos da teoria da enunciação de Bakhtin, buscando compreender nos discursos docentes analisados, a dialogicidade, as vozes sociais, e contrapalavras assumidas. Optamos pela entrevista como procedimento metodológico, que recebeu complemento de dados de identificação dos professores participantes através de questionários. No contexto das discussões sobre alfabetização e letramento, buscamos interlocução com autores que, no cenário pedagógico brasileiro e no campo discursivo sobre os temas, ocupam o que aqui chamamos de discurso de autoridade.

Palavras-chave: Linguagem, Alfabetização, Letramento

Introdução

A pesquisa intitulada “Alfabetização e letramento: encontros e desencontros” busca esclarecer algumas inquietações e questões sobre aspectos relacionados às disputas de sentidos dos conceitos de alfabetização e letramento que circulam no atual panorama do discurso acadêmico brasileiro, e formações discursivas didático-pedagógicas que vem sustentando as interações verbais estabelecidas por professores que atuam em turmas destinadas ao processo inicial de alfabetização infantil.

Para tanto, a fim de situarmos a pesquisa no campo da alfabetização e do letramento, e dando início a composição do projeto de trabalho, realizamos, inicialmente, uma revisão de literatura. Nossa revisão de literatura contemplou artigos publicados nos Anais das reuniões da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), em particular, no Grupo de Trabalho Alfabetização, Leitura e Escrita

(GT 10), ao longo dos últimos dez anos (2007-2017). A seleção dos artigos adotou como busca os descritores: Alfabetização e Letramento, presente em títulos, palavras-chaves e/ou corpo de textos publicados nos referidos anais. Encontramos, no período determinado, apenas 12 artigos a partir dos descritores estabelecidos.

Inicialmente, optamos por organizar e apresentar essas produções acadêmicas através de uma tabela com o mapeamento das instituições de origem, nome(s) do(s) autor(es), anos das publicações, e seus respectivos títulos. Assim, vejamos:

Tabela 1 – Mapeamento dos artigos sobre processo de alfabetização e letramento: ANPED – 2007-2017

Instituição	Autor	Ano	Fonte	Título
UFSG	Maria Macedo	2007	ANPED - GT10	Letramento Escolar no Primeiro Ciclo: O Uso do Livro Didático e de Outros Impressos em Sala de Aula
UFSC	Maria Aparecida Aguiar* Nilceia Pedandre	2008		As Múltiplas Determinações na Formação de Professoras Alfabetizadoras
Prefeitura da Cidade do Recife	Magna Cruz**			Práticas de Alfabetização no 1º Ciclo do Ensino Fundamental
UNESC	Celdon Fritzen Rosilene Silveira	2009		Alfabetização e Letramento – O que Dizem as Crianças
FURB	Angelita Maria Stuepp	2011		Concepções de Alfabetização e Letramento – O que Dizem as Professoras Formadoras
UFMT	Ivânia Souza Cancionila Cardoso	2012		Práticas de Alfabetização e Letramento: O Fazer Pedagógico de uma Alfabetizadora Bem Sucedida
CEEL/UFPE	Magna Cruz** Eliana Albuquerque			A Relação Entre as Práticas de Alfabetização das Crianças nos Três Anos Iniciais do Ensino Fundamental em Escolas Organizadas em Séries e em Ciclos
EED/CED/UFSC	Maria Aparecida Aguiar*			A Criança de Seis Anos e o Ensino Fundamental
UFM	Joelma Correia	2013		A Concepção de Leitura de Professoras Alfabetizadoras e a sua Influência no Ensino do Ato de Ler
UFJF	Terezinha Melo Luciane Magalhães***			O Desafio do “Alfabetizar Letrando” em Sala de Aula: Um Estudo de Caso
	Luciane Magalhães*** Analina Muller	O Ensino da Língua Portuguesa na Alfabetização Inicial: Tempos e Contratempos		
FaE/UFPEL	Marcelina Vieira	2015		Os Livros para o Ensino Inicial da Leitura e da Escrita Utilizados como Apoio na Preparação das Aulas: Um Estudo a Partir de Cadernos de Planejamento de Uma Professora Alfabetizadora (1983-200)

O levantamento e análise desse conjunto de artigos nos possibilitou uma visão panorâmica dos debates empreendidos no atual cenário acadêmicos sobre as concepções aqui investigadas. Nossa revisão de literatura se deteve aos artigos relacionados aos eixos: “Alfabetização e letramento”. Na sequência desse

estudo, apresentaremos aspectos relevantes destacados no referido conjunto de artigos.

Sobre alfabetização e letramento: revisando a literatura

Inicialmente, destacamos os estudos de Cruz e Albuquerque (2012) que se debruçaram sobre argumentos de inúmeros autores que valorizam a prática de “Alfabetizar letrando”. Nesse artigo, as autoras destacam as relações dos estudantes que vivenciaram processos de alfabetização a partir de práticas subsidiadas pela proposta de “Alfabetizar letrando”, em escolas organizadas por series e ciclos. Elas também fazem uso de pesquisas atuais sobre o ensino da leitura e escrita nas series iniciais do ensino fundamental, designados à alfabetização, destacando a necessidade de se pensar o processo de alfabetização como marco primordial na formação docente.

A pesquisa desenvolvida pelas autoras, foi realizada em duas redes municipais de ensino em Pernambuco, em 2010, a saber: Recife (organizada em ciclos) e Camaragibe (organizada em series). As duas redes investiram na formação continuada de professores, visando à construção de práticas de alfabetização subsidiadas pela concepção de “Alfabetizar letrando”. Segundo as autoras, tal proposta traz como pressuposto a ideia de que a prática não se limite, meramente, aos aspectos “mecânicos” do Sistema da Escrita Alfabética (SEA), mas, sobretudo, ao processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita como processo que seja significativo para o aluno e que inclua práticas sociais de uso da leitura e escrita.

Cruz e Albuquerque (2012) também apontam que, durante os três anos iniciais do Ensino Fundamental, os sistemas de ensino e as práticas pedagógicas voltadas para o processo de alfabetização deveriam ter como ponto efetivo a continuidade e o aprofundamento dos conhecimentos do cotidiano dos estudantes, garantindo, assim, uma alfabetização “íntegra e no devido tempo”.

Dando continuidade ao levantamento feitos, destacamos o artigo das pesquisadoras Aguiar e Pelandre (2008) que tratam do processo de alfabetização a partir de dois eixos: 1) a organização dos espaços de alfabetização e 2) a sistematização teórico-metodológica da língua escrita. Em consonância, com a necessidade de trazer para dentro de sala de aula o que a criança domina no mundo da vida, as autoras enfatizam a necessidade de se colocar a criança e suas vivências no centro dos processos de alfabetização.

Melo e Magalhães (2013) trazem, já no primeiro tópico do artigo, a diferença entre os conceitos de alfabetização e letramento, apontando a importância dos referidos processos caminharem simultaneamente, conforme sinalizou Soares (2003). As autoras investigam uma turma de 2º ano do ensino fundamental, observando as atividades de alfabetização e letramento em sala de aula, destacando o trabalho com a leitura, a produção de texto, a oralidade e com o sistema de escrita alfabética (SEA). Notam a importância do desenvolvimento de atividades organizadas e sistematizadas sobre a reflexão de palavras como um importante recurso a ser utilizado no início da alfabetização, mas “sem delimitar e deixar de explorar as variedades de outros conhecimentos do aluno”, desmistificando, assim, os métodos tradicionais de alfabetização. Percebem que é imprescindível o papel do professor como mediador. Mediação capaz de criar estratégias de aprendizagem, promovendo o envolvimento dos alunos, e trabalhando com as múltiplas facetas do processo de alfabetização.

Nessa mesma direção, com pesquisas também realizadas em turmas de 2º ano do Ensino Fundamental, Correia (2013) busca analisar o processo inicial do ato de ler, entendendo que a mediação do professor é fator primordial para que as crianças se apropriem de práticas pedagógicas significativas. Por meio de uma pesquisa com professoras alfabetizadoras, em uma escola municipal de São Luís no Maranhão, a autora analisa as concepções de leitura que norteiam das práticas pedagógicas dessas professoras. Ao observar os modos de como se dão os atos de ler em sala de aula, Correia (2013) conclui em seu estudo que durante a pesquisa foi possível perceber que as professoras mostram uma falta de percepção acerca do processo de aquisição da leitura, entendido como processo de atribuição de diferentes sentidos ao texto.

Partindo do princípio de que o aluno deve ser o foco de todo trabalho pedagógico, e considerando que o processo de alfabetização deve começar antes mesmo da escolarização, as autoras afirmam que a escola é o espaço privilegiado para a garantia do domínio da leitura e da escrita. Notam, também, que há um grande contingente de crianças que, ao final dos quatro primeiros anos de escolarização, não se apropriam da leitura e escrita alfabética.

Cruz (2008) também disserta sobre as concepções aqui investigadas, afirmando que o domínio da escrita alfabética é um instrumento de luta. Observa que um dos fatores importantes e determinantes do processo de alfabetização inclui a compreensão do professor sobre a sua responsabilidade pela formação crítica e

cidadã de seus alunos. A autora ressalta que é preciso que se entenda que, diferentemente do que alguns defendem, o fracasso escolar não está ligado ao aluno, mas a ineficiência da escola na garantia do sucesso desses estudantes.

Para a autora, se a escola não garante “metas” definidas para cada ano do 1º ciclo do Ensino Fundamental, destinadas ao processo de alfabetização, não poderá garantir, também, o cumprimento de seus objetivos, sendo preciso então rever as “expectativas de aprendizagem traçadas”. Em sua pesquisa, realizada numa escola municipal de Recife, a autora buscou analisar outros aspectos de práticas de alfabetização e letramento. O estudo confirmou que é possível garantir e assegurar o aprendizado da leitura e da escrita no primeiro ano do 1º ciclo, permitindo, assim, que os outros dois anos sejam destinados à consolidação do processo de alfabetização.

Numa perspectiva diferenciada, Steupp (2011), por meio de sua pesquisa, buscou compreender as concepções de alfabetização e letramento nas vozes de sujeitos que atuam no ensino superior, em cursos de Pedagogia. No intuito de entender como os sujeitos entrevistados, oriundos de diferentes grupos sociais distintos, construíram seu entendimento e conhecimento sobre a referida temática, a autora destaca a discussão sobre a organização da prática escolar, destacando que cabe a escola trazer, para além de seus muros, um diálogo multicultural. Não só de expressões culturais de prestígio, oriundas das camadas sociais dominantes, mas também de expressões culturais das camadas populares da sociedade, tornando-as objetos de estudo.

No processo de alfabetização, o papel do livro didático e de outros impressos também se insere nas análises de práticas de letramento e alfabetização em sala de aula. Assim, Macedo (2007) investiga como os professores dos ciclos iniciais se apropriam desse material e das novas concepções de ensino e aprendizagem. Por meio de sua pesquisa, realizada em duas escolas distintas, a autora observa que 1) as práticas de letramento e leitura, 2) os textos selecionados, 3) a organização da sala de aula e, principalmente, 4) os modos e tempos de usos dos livros didáticos impactam, sobremaneira, as práticas pedagógicas de alfabetização.

Vieira (2015) também investiga o uso de recursos impressos no processo de alfabetização. Nessa direção, por meio de verificação documental, a autora analisa duas fontes distintas, sendo elas: 1) cadernos de planejamento de uma professora alfabetizadora e 2) livros destinados ao ensino inicial da leitura e da escrita, referentes ao período de 1970 até 2000.

O estudo evidencia que os livros de apoio utilizados pela professora na preparação de suas aulas são as cartilhas. Observa-se, de maneira clara, que as concepções de conhecimento, de aprendizagem e de ensino de leitura e escrita, são fundamentadas pela concepção mecanicista da alfabetização, pautadas pelos métodos tradicionais de alfabetização. Limitando as atividades propostas de leitura e escrita sob o viés da codificação e decodificação de palavras, o processo de alfabetização observado é inteiramente mecanicista. As atividades que exigem uma maior reflexão não foram contempladas. Tais práticas, foram constatadas através da observação dos cadernos de planos de aulas, certificando que, neste caso, o processo de alfabetização é estritamente técnico, realizado por meio de repetição e memorização.

Aguiar (2012), ao se debruçar sobre o estudo de 1) documentos oficiais, 2) observações de aulas e 3) entrevistas realizadas com professores alfabetizadores do 1º ano de escolarização da rede municipal, fez importantes reflexões sobre os desafios apresentados com o ingresso de crianças de seis anos de idade no 1º ciclo do Ensino Fundamental. Para a autora, a exigência legal e legítima vem trazendo muitos desafios, sobretudo no que diz respeito à singularidade da(s) infância(s), sistematicamente desconsideradas pelos sistemas de ensino na implementação da lei. A autora destaca as contradições do que se propõe nos documentos oficiais e o que vem sendo feito nas redes, especialmente, no tocante 1) a formação do professor, 2) ao trabalho efetivamente realizado em sala de aula e 3) metodologias de trabalho adotadas. Segundo a autora, também há uma permanente preocupação em antecipar um processo sistemático de apropriação do sistema da escrita alfabética.

Magalhães e Muller (2015) pesquisam sobre a organização do tempo escolar destinado ao ensino de língua portuguesa nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Assim, por meio da pesquisa realizada em seis turmas de 1º ano de escolas públicas, as autoras observam as práticas dos professores com relação à organização do tempo escolar e suas bases curriculares. As autoras concluem que os currículos sustentam a realização de práticas de alfabetização e letramento, apresentando, inclusive, “os direitos de aprendizagem” de cada ano de escolaridade, tanto no 1º ciclo como no 2º ciclo. As autoras entendem que a organização do tempo é crucial no processo de ensino aprendizagem, a fim de proporcionar práticas pedagógicas significativas em todo o desenvolvimento escolar. Concluem que há grandes dificuldades nas práticas pedagógicas observadas, e muitos outros aspectos a serem

questionados, mas também há, no entanto, práticas extremamente pertinentes e que contribuem para um processo significativo de apropriação da leitura e escrita.

Souza e Cardoso (2012) fazem um recorte de uma pesquisa de Mestrado em Educação realizada em escolas municipais de Várzea Grande – MT. As escolas estão localizadas em bairros periféricos, onde há uma presença predominante de estudantes de camadas populares. Tematizando, inicialmente, o fracasso da escola no processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita no Brasil, as autoras buscam listar práticas de alfabetização e letramento bem-sucedidas nas escolas acompanhadas.

Por meio da observação e da análise de 1) experiências profissionais e 2) saberes norteadores explicitados pelos professores alfabetizadores acompanhados na pesquisa, as autoras destacam que os bons resultados vêm de práticas pedagógicas pautadas pelas perspectivas teóricas do Construtivismo e do Interacionismo. A valorização do planejamento coletivo e de trocas de atividades significativas entre os professores também despertam a confiança entre eles, colaborando imensamente para o processo positivo de aprendizagem da leitura e da escrita.

No intuito de ampliar a visão habitual que se tem sobre alfabetização e letramento, Fritzen e Silveira (2009) propõem uma investigação desses conceitos a partir do olhar e da percepção da própria criança. Propondo um diálogo direto com os sujeitos participantes, as autoras constataam, inicialmente, que a criança compreende e considera importante a “superioridade” dos pais, professores e sociedade, no que se refere ao seu processo de alfabetização e letramento. Segundo as autoras, um dos maiores desafios para o professor é criar formas de mediar as relações entre alfabetização e letramento. Todavia, segundo elas, deve-se perceber que a criança, como um sujeito social, traz consigo experiências e conhecimentos que devem ser trabalhados em sala de aula como ponto fundamental para o processo de alfabetização.

Considerações finais

A partir da revisão de literatura, parcialmente apresentada, pudemos entrar em contato com pesquisas que buscam compreender inúmeros aspectos referentes aos processos de alfabetização e letramento na esfera escolar. Diante do

levantamento feito, notamos que poucos estudos vêm se dedicando a determinados aspectos que também impactam o fazer diário do professor, como, por exemplo, os desencontros entre as diferentes concepções de alfabetização e letramento que subsidiam os discursos oficiais, acadêmicos e didático-pedagógicos que sustentam as formações de professores e debates cotidianos realizados na escola; sobretudo, na recente polêmica largamente anunciada: “Alfabetizar letrando” ou “letrar alfabetizando”?

Conforme apontamos no início desse estudo, nossa pesquisa refletiu sobre algumas inquietações e questões polêmicas sobre encontros e desencontros de concepções de alfabetização e letramento que circulam no atual panorama do discurso acadêmico brasileiro, e que vêm disputando diferentes significações, subsidiadas por contraposições de sentidos.

Estudos anteriores (ZACCUR, 2011; SANTOS, 2012) apontam que, na atualidade, as diferentes formações discursivas acadêmicas sobre os conceitos de alfabetização e letramento vêm contribuindo tanto para o esclarecimento dos diferentes sentidos e aspectos de tais conceitos, como para a problematização dos processos metodológicos e procedimentos didático-pedagógicos pertinentes ao ensino e aprendizagem da linguagem escrita na escola.

Não obstante, compreendemos que o atual esforço de compreensão dessas diferentes perspectivas, para além de atravessar os discursos acadêmicos, oficiais e pedagógicos, acaba por instaurar no “chão” da escola um debate que ora provoca simpatia ou antipatia pelos termos, ora confusão, insegurança e dispersão dos discursos e práticas dos professores. Nessa direção, propusemos as seguintes questões de pesquisa: Quais são as diferentes concepções de alfabetização e letramento que circulam no atual discurso acadêmico brasileiro? De que modo esses conceitos se relacionam? “Alfabetizar letrando” ou “letrar alfabetizando”? Existe diferença? E por fim, como as concepções de alfabetização e letramento vêm sendo entendidas por professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Cumpramos notar que, no contexto das discussões sobre alfabetização e letramento, buscamos interlocução com autores que, no cenário pedagógico brasileiro, e no campo discursivo dos conceitos tematizados, ocupam o que aqui chamamos de discurso de autoridade (BARBOSA, 1994; CAGLIARI, 2009; FERREIRO, 2005; SOARES, 1998, 2003; ZACCUR, 2011; GERALDI, 2014; GOULART, 2014).

Sem pretender dar conta, no curto espaço dessa comunicação, dos aspectos tratados ao longo da pesquisa, notamos que “(...) os sentidos atribuídos aos conceitos de alfabetização e letramento

sempre estarão associados, indelevelmente, às circunstâncias específicas do contexto histórico no qual tais conceitos são/foram forjados” (SANTOS, 2012, p. 14). Assim, diante de tais debates, ao revermos os longínquos caminhos trilhados para a conquista do acesso à cultura letrada no contexto brasileiro, fica claro para nós que, para além desses embates, os esforços empreendidos na tentativa da transposição do “cinturão de poder” imposto à classe popular, sobretudo em seu acesso à cultura letrada, parecem não estar sendo suficientemente garantidos (SANTOS, 2012).

Referências

- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e Leitura*, São Paulo: Cortez Editora, 1994.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *A Escrita*. In: _____. *Alfabetização e Linguística*, São Paulo: Editora Scipione, 2009.
- FERREIRA, Emília. Entrevista. *Revista Nova Escola*. Ano XVIII, nº 162, maio 2003.
- GERALDI, João Wanderley. Reforçar práticas de resultados insatisfatórios. ARAÚJO, Vania Carvalho de. Apresentação. *A centralidade da alfabetização nas políticas mundiais de educação no século XXI. Concepções e conceitos de alfabetização*. In: _____. GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. *Alfabetização: políticas mundiais e movimentos nacionais*. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.
- GOULART, Cecília M. A. O conceito de letramento em questão: por uma perspectiva discursiva da alfabetização. *Revista Bakhtiniana*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 35-51, ago./dez. 2014. Em:<<http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/19514/15593>>. Acesso em: 2 dez. 2014.
- SANTOS, Andrea Pessoa. Do “Sistema de alfabetização e conscientização” de Paulo Freire ao conceito de Letramento: a permanência dos desafios da alfabetização das classes populares. In: IV Congresso Internacional Cotidiano Diálogos sobre Diálogos, 2012, Niterói. IV Congresso Internacional Cotidiano Diálogos sobre Diálogos, 2012.
- SOARES, Magda. SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. Trabalho apresentado ao GT Alfabetização, Leitura e Escrita, 26ª Reunião Anual da ANPED: poços de Caldas, de 5 a 8 de outubro de 2003.

_____. As muitas facetas da alfabetização. In:_____. Alfabetização e letramento. 3.ed - São Paulo: Contexto, 2005.

ZACCUR, Edwiges. (Org.). Alfabetização e Letramento: o que muda quando muda o nome? 1ª ed. v. 01, Rio de Janeiro: Rovellet, 2011.